



Democracia ameaçada

Suprema Corte de Israel derruba reforma do Judiciário de Netanyahu

— Pela primeira vez na história, magistrados rejeitam uma lei aprovada pelo Parlamento, o que pode desencadear uma crise constitucional em plena guerra em Gaza

TEL-AVIV

Em uma decisão histórica que pode desencadear uma crise constitucional em Israel, a Suprema Corte derrubou ontem pela primeira vez uma lei aprovada em julho pelo Parlamento. O primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu, que lidera uma coalizão ultraconservadora, havia arquitetado um reforma do Judiciário para limitar os poderes da própria corte.

A decisão de ontem deve reacender a grave crise que começou há um ano por causa dos planos de reforma do Judiciário de Netanyahu. Ela provocou uma onda de protestos que levou Israel a uma divisão social e ameaçou paralisar o país em alguns momentos, mesmo durante a guerra contra o Hamas em Gaza.

Pela primeira vez em sua história, o plenário completo da Suprema Corte, composto por 15 magistrados, rejeitou uma lei que impedia os juízes de usar um padrão jurídico espe-

cífico para anular decisões tomadas por ministros do governo. A decisão apertada (8 a 7) pavimentou o caminho para um confronto entre Judiciário e Executivo – que no modelo israelense de democracia se confunde com o Legislativo.

AMEAÇAS. A coalizão de Netanyahu, a mais direitista e religiosa da história de Israel, argumenta que a Suprema Corte extrapolou sua autoridade, subverteu a vontade dos eleitores e a função do governo eleito, quando interfere em decisões com base no princípio da “razoabilidade”.

De acordo com aliados de Netanyahu, o conceito de “razoabilidade” – que o tribunal utilizou para rejeitar a nomeação de um ministro que havia sido condenado por fraude fiscal – é mal definido e não tem validade.

No entanto, em um país que tem um Parlamento unicameral, nenhuma Constituição escrita e um presidente com funções cerimoniais, muitos defensores da democracia libe-

“A decisão (da Suprema Corte) não nos desencorajará. Continuaremos a agir com moderação e responsabilidade”

Yariv Levin
Ministro da Justiça de Israel e aliado de Netanyahu

“A decisão encerra um ano de conflitos que nos dividiram e causaram a pior catástrofe da história de Israel.”

Yair Lapid
Líder da oposição

ral de Israel veem a Suprema Corte como o único contrapeso às decisões do premiê – e o princípio da razoabilidade seria uma das principais ferra-

mentas à disposição dos juízes.

O ministro da Justiça, Yariv Levin, aliado de Netanyahu e arquiteto da reforma, criticou a decisão, dizendo que ela mostrava “o oposto do espírito de unidade exigido para o sucesso de nossos soldados na frente de batalha”. “A decisão não nos desencorajará”, disse Levin, sem indicar o que o governo pretende fazer. “Continuaremos a agir com moderação e responsabilidade.”

CRÍTICAS. Netanyahu não reagiu à decisão, mas seu partido, o Likud, disse que o parecer vai contra o desejo nacional de “unidade” em meio à guerra. “É lamentável que a Suprema Corte tenha tomado uma decisão no meio de uma disputa social em Israel, justamente quando os soldados do Exército estão lutando e arriscando suas vidas na campanha”, afirmou o partido, em comunicado.

Yair Lapid, líder da oposição, apoiou a decisão. “Ela encerra um ano de conflitos que nos dividiram e causaram a pior catás-

trofe da história de Israel”, disse.

Os críticos de Netanyahu dizem que por trás do esforço para reformar o Judiciário está uma tentativa do premiê de escapar da cadeia. Ele foi envolvido em quatro casos de corrupção e tráfico de influência e foi indiciado por suborno, fraude e quebra de confiança.

HAMAS. Outros afirmam que a tentativa de enfraquecer o Judiciário provocou uma redução na capacidade de mobilização dos militares. Em julho, mais de mil reservistas da Força Aérea de Israel ameaçaram suspender o serviço voluntário em retaliação à aprovação da lei.

Muitos temem que o desmantelamento da Justiça israelense abra uma porta para levar soldados e oficiais para tribunais internacionais em casos de violações das leis da guerra. Alguns sugerem que os protestos tenham influenciado na capacidade dos militares de reagir aos ataques do Hamas, no dia 7 de outubro. **● NYT, AFP e AP**

Exército retira tropas de partes de Gaza

TEL-AVIV

O Exército de Israel informou ontem que milhares de soldados estão deixando Gaza. Trata-se da primeira retirada significativa de tropas desde o início da guerra. Forças israelenses, porém, continuam presentes em várias partes do enclave palestino.

O movimento das tropas poderia significar que os confrontos estão sendo reduzidos em algumas áreas, sobretudo no norte, onde Israel estaria perto de assumir o controle operacional. O governo israelense tem sido pressionado pelos EUA para fazer uma transição para um confronto de menor intensidade.

Os relatos de recuo ocorrem antes de uma visita do secretário de Estado americano, Antony Blinken, após o gover-

no de Joe Biden ter garantido o envio de armas emergenciais para Israel.

Os confrontos, no entanto, continuam em Khan Younis, no sul de Gaza, e em zonas centrais do território. Israel tem afirmado que manterá os ataques até que seus objetivos sejam atingidos, principalmente desmantelar o Hamas, que controla o território palestino há mais de 16 anos.

RETIRADA. Os militares israelenses afirmaram ontem que cinco brigadas foram retiradas de Gaza nas últimas semanas para “treinamento e repouso”. No domingo, Daniel Hagari, porta-voz do Exército, anunciou a retirada, sem especificar o número de soldados que saíram nem dizer se isso significava uma nova fase da guerra. “Os objetivos exigem combate prolongado e es-



Soldados israelenses em Gaza: Exército garante que guerra continua na maior parte do enclave

tamos nos preparando de acordo”, disse.

Israel prometeu esmagar o Hamas e sua capacidade de governar, após os ataques de 7 de outubro, que deixaram 1,2 mil mortos. Quase 240 pessoas foram feitas reféns. Pouco mais de 100 ainda estão presas em Gaza. Desde então, os israelenses responderam com

uma ofensiva que já matou mais de 21,8 mil pessoas em Gaza, a maioria mulheres e crianças.

RISCO DE FOME. O Exército de Israel garante que mais de 8 mil terroristas foram mortos, sem fornecer evidências, e culpa o Hamas pelo alto número de civis mortos, dizendo que

os membros do grupo terrorista usam áreas residenciais para se esconder, além de escolas e hospitais.

A guerra forçou o deslocamento de cerca de 85% dos 2,3 milhões de moradores em Gaza e grande parte da população enfrenta problemas de segurança alimentar, segundo a ONU. **● AP**